

08/11/2017 às 05h00

Crise brasileira cria oportunidades

Por **Martin Wolf**

O Brasil está numa crise econômica, política e moral. Essa não é minha avaliação. É a avaliação de uma ex-alta autoridade governamental que conheço há décadas.

É difícil contradizer essa posição: a economia sofreu uma grande recessão, com uma queda de 9% na renda real per capita entre 2013 e 2016; o crescimento está estruturalmente muito lento; a posição fiscal é insustentável; e um escândalo de corrupção envolveu a elite política e importantes empresários.



De fato, o Supremo Tribunal Federal autorizou investigações envolvendo um terço dos atuais membros do ministério, um terço dos senadores e um terço dos governadores estaduais, bem como do presidente, de líderes no Congresso e dos principais partidos políticos. Não causa surpresa, portanto, que os políticos e partidos estejam desacreditados. Como fiquei sabendo quando estive no Brasil, no mês passado, especialistas locais temem que isso

possa levar a uma extrema polarização política. Entretanto, uma crise também pode resultar em mudanças. O Brasil precisa aproveitar essa oportunidade.

Não devemos exagerar o pessimismo. A expectativa de vida aumentou de 60 anos em 1970 para 74 em 2017, ao passo que a taxa de fertilidade caiu de cinco filhos por mulher para apenas 1,7. A energia do Judiciário na investigação da Lava-Jato sobre a corrupção é admirável. A própria recessão já se transformou em recuperação suave: o Fundo Monetário Internacional prevê um crescimento de 0,7% neste ano e 1,5% em 2018. Essa previsão para 2018 pode estar muito pessimista. A estabilidade monetária conseguida na década de 1990 persiste e a inflação ano sobre ano nos preços ao consumidor caiu para 2,5% em setembro.

Apesar disso, os problemas estruturais econômicos e políticos são enormes. A desigualdade de renda permanece entre as mais altas do mundo. Isso não é compensado por rápido crescimento: entre 1995 e 2016, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita cresceu apenas 25%, colocando o Brasil atrás da Argentina, México, Colômbia e Chile. Em relação aos EUA, o PIB real per capita brasileiro estagnou durante o quarto de século passado. É pouco mais de um quarto do nível nos EUA, o que torna essa falha tão perturbadora.

De acordo com o Conference Board, a produtividade total dos fatores do Brasil - uma medida de sua taxa de inovação - caiu a uma taxa média de 0,7% ao ano entre 2000 e 2016. A taxa de poupança nacional brasileira, sempre baixa, foi de apenas 16% em 2016. Em consequência, a taxa de juros real de curto prazo praticada pelo Banco Central foi, em média, de apenas 5% na década passada. Como resultado, as taxas de investimento também estão bastante baixas. Além disso, a população está envelhecendo. A taxa de crescimento do PIB potencial é provavelmente inferior a 2%.

Reformas necessárias são extremamente políticas. O sistema precisa passar da corrupção para a

As fracas perspectivas de crescimento agravam a desalentadora situação fiscal. O Brasil tem um enorme déficit fiscal estrutural: o FMI acredita que até 2022 esse déficit chegará a 11% do PIB. A receita já está bastante próxima de 30%

Mensagens dos leitores

Política

Apesar da percepção que grande parte de

08/11/17, 11:24

honestidade, da opacidade à transparência, de arbitrariedade à previsibilidade e deixar de amparar privilegiados para servir ao povo

do PIB. Com a recuperação, ela deve aumentar, porém não o suficiente para zerar o déficit e permitir o controle do aumento do endividamento público, uma vez que as despesas estão próximas de 40% do PIB. O teto de gastos imposto pelo governo resultará em gastos com despesas obrigatórias, especialmente com pensões e aposentadorias. No início da década de 2020, o governo teria que eliminar todos os gastos opcionais.

O Brasil necessita uma reforma econômica e fiscal abrangente. As reformas econômicas mais importantes incluem: abertura de uma economia relativamente fechada; reforma tributária; reforma do mercado de trabalho; maior investimento em infraestrutura; e políticas destinadas a aumentar a poupança nacional. A questão da poupança está interligada às reformas fiscais. Estes devem incluir uma reforma abrangente das pensões, para colocar os gastos sob controle. Um regime de pensões devidamente financiado poderia aumentar a poupança nacional. O governo também deveria ter a liberdade de controlar o número de funcionários públicos e sua remuneração. Fazer tudo isso liberaria recursos para outras áreas.

Seria um erro ver as reformas necessárias como procedimentos técnicos. Elas são extremamente políticas. Envolvem promover mudanças fundamentais na forma como o Estado, os políticos e os funcionários públicos funcionam. O sistema precisa passar da corrupção para a honestidade, da opacidade à transparência, de arbitrariedade à previsibilidade e deixar de amparar os privilegiados para servir ao povo. Isso é o que os escândalos de corrupção, a crise fiscal em fogo lento, o padrão ineficiente de gastos governamentais e as vulnerabilidades econômicas estão dizendo aos brasileiros.

Especialmente numa sociedade livre e democrática, promover mudanças representa um enorme desafio. Isso é particularmente verdadeiro quando a situação está melhorando no curto prazo. Além disso, o atual governo, em sérias dificuldades, e o Banco Central fizeram um bom trabalho no sentido de restabelecer a confiança.

nossos homens públicos estão contaminados por posturas antiéticas, emerge uma esperança que nos próximos pleitos eleitorais, surjam novas lideranças que nos representem condignamente.

08/11/2017 às 05h00 - José de Anchieta Nobre de Almeida -

Henrique Alves

O cidadão normal, ao constatar um depósito bancário sem explicação em sua conta, tentará descobrir a origem. Na falta de razões plausíveis, certamente recorrerá ao banco e poderá até concluir tratar-se de um desses enganos em operações bancárias. Não demoraria, no entanto, a elucidar o mistério, pois dinheiro é conservativo: se chegou a algum lugar...

08/11/2017 às 05h00 - Paulo Roberto Gotaç -

Imposto sindical

Sem dúvida, a aprovação da reforma trabalhista pelo Congresso, que entrará em vigor a partir de 11 de novembro, é um avanço para pôr o Brasil na trilha dos países desenvolvidos. Mas pelo visto não está sendo bem aceita pelas quase 15 mil entidades sindicais brasileiras acostumadas a receber muito dinheiro dos trabalhadores com o imposto sindical...

08/11/2017 às 05h00 - Edgard Gobbi -

08/11/17, 11:24



Mas problemas políticos pedem soluções políticas. Nesse aspecto, as perspectivas para a eleição presidencial em 2018 são ruins. Luiz Inácio Lula da Silva, sentenciado por corrupção, lidera as pesquisas. Em segundo nas pesquisas vem Jair Bolsonaro, um líder de direita que, comparativamente, faz Donald Trump parecer moderado e autodisciplinado. Nenhum deles promoveria as reformas que o Brasil precisa, por diferentes razões: Lula está desacreditado e Bolsonaro é um populista autoritário. Existem melhores candidatos. Mas o apoio a eles ainda é pequeno. Onde, nos perguntamos, está o Emmanuel Macron brasileiro?

É impossível visitar o Brasil, mesmo por um curto período, e não nos entusiasmos com o calor de seu povo e a vitalidade de sua cultura. Mas o país mergulhou em tempos difíceis. Sim, a posição de curto prazo está melhorando um pouco. Mas há muita gente desempregada, a economia está muito fraca, o mundo político é demasiado corrupto e o Estado muito "aparelhado". É isso que a história e os recentes acontecimentos dizem aos brasileiros. O Brasil precisa de um renascimento político e econômico. A crise torna isso necessário. Se isso não acontecer, o futuro parecerá triste.

(Tradução de Sergio Blum)

Martin Wolf é editor e principal analista econômico do FT

Compartilhar 0

 Tweet

 Share 1

Ver todas | Envie sua mensagem

Opinião

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

Olhemos para a Argentina 🔑
05h00

Os estragos causados pela crise econômica no padrão de vida 🔑
05h00

Crise brasileira cria oportunidades 🔑
05h00

A nova regra do teto de gastos 🔑
05h00

Ver todas as notícias

Videos



Meirelles busca diluir preocupação com velocidade da retomada da economia
07/04/2017

